

Um percurso de pesquisas na interface Cinema/Educação

Maria Alzira de Almeida Pimenta - Universidade de Sorocaba. Sorocaba | SP | Brasil.
E-mail: maria.pimenta@prof.uniso.br



Maria Alzira de Almeida Pimenta apresenta, nessa entrevista, aspectos do seu percurso de pesquisadora, na interface Cinema/Educação. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas, a professora tem larga experiência na Educação Básica como professora, diretora e Coordenadora de EJA. No Ensino Superior, lecionou, em cursos de administração, turismo e pedagogia, disciplinas que tratam de: gestão, comunicação, cultura organizacional, e administração. Na pós-graduação, integrou o corpo docente do curso de Pós-graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE) e, atualmente, é professora do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. É associada a ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação), ao International Study Association on Teachers and Teaching (ISATT) e ao International Council for Education on Teaching (ICET) e é pesquisadora da Red Interuniversitaria Euroamericana de Investigacion (Alfamed). Vamos conferir o percurso da pesquisadora?

REU - Em linhas gerais, como foi a sua trajetória de pesquisa na interface comunicação/educação?

Foi uma confluência de paixões: educação e cinema. A educação como campo de trabalho foi uma escolha inspirada pela convicção de sua importância para a sociedade. Quando trabalhava na Educação Básica, levava filmes para sala de aula. Em 1987, organizei uma Mostra de Animação, com filmes do Film Board do Canadá. Esse interesse me aproximou do trabalho do Wilson Lazaretti e do Maurício Squarisi, ambos do Núcleo de Cinema de Animação de Campinas. A aproximação me levou a participar, como convidada e representando o Núcleo de Animação, do encontro de educadores, no Universo Audiovisual del Niño, em 1988. Esse evento ocorreu durante o tradicional *Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano de La Habana*, em Cuba. O encontro foi muito enriquecedor e marcante que resolvi fazer mestrado na ECA-USP, com o tema cinema e educação. Minha orientadora, a Profa. Dra. Marília da Silva Franco, já trabalhava na interface educação e cinema. Dissertei sobre a pesquisa-ação que realizei, durante o Programa A Escola vai ao Cinema, apoiada pelas secretarias municipais de Educação e de Cultura de Campinas.

REU - Que especificidades você destaca dessa interface? Há relações necessárias na relação Comunicação/Educação?

Comunicar é tornar comum. Para que alguém comunique uma ideia, é preciso, entre outras habilidades, cuidado e técnica. Ao contrário do que se pensa, comunicar é tarefa complexa. O senso comum costuma simplificar o fenômeno da comunicação. Por outro lado, a educação entendida como um processo de humanização, socialização e singularização (CHARLOT, 2001) depende, completamente, da comunicação. Sem comunicação, não há educação. O filme "O enigma de Kaspar Hauser" (Werner Herzog, 1974) é uma boa metáfora dessa relação. Kasper Houser passou 18 anos de sua vida isolado, sem se comunicar com ninguém. Isolado das pessoas, de qualquer interação, deixou de ser educado, ou seja, não lhe foi possível se humanizar. Pais e professores são os responsáveis pela educação e o fazem pela comunicação. A qualidade da comunicação vai ser fundamental na qualidade da educação.

REU - Quais as características da sua pesquisa atual? Como ela contempla a interface mencionada?

Atualmente, participo da Red Alfamed, que congrega universidades da Espanha, Portugal, Itália, Brasil, Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Equador, Argentina, México, entre outros. A Red tem uma pesquisa que no Brasil é coordenado pela Professora Gabriela Borges Martins Caravela (UFJF). O título da pesquisa é “Competências midiáticas em cenários brasileiros e euroamericanos”. A premissa é que um dos desafios para se desenvolver cidadania passa pela aquisição de competências midiáticas e digitais. A meta da pesquisa é o mapeamento de competências midiáticas e desenvolvimento de ações que as consolidem e ampliem. É uma pesquisa interinstitucional e se situa na interface entre a comunicação e educação. Dentre seus objetivos, destaco: realizar levantamento sobre as demandas relacionadas às competências midiáticas; sensibilizar os grupos envolvidos para a importância da competência midiática na formação, suas implicações e dimensões prioritárias ou marginais; e realizar um mapeamento das experiências formativas e boas práticas sobre competências midiáticas nos diferentes contextos investigados. Essa pesquisa de espectro maior complementa as pesquisas realizadas no PPGE da Uniso. Aqui, pesquisamos as relações da educação com as tecnologias da informação digital em temas como as redes sociais; a formação dos professores em relação às competências midiáticas, mestrado da Professora Tágides de Melo; a gamificação no processo de aprendizagem, doutorado do Professor Roger Santos; os Massive Open Online Course (MOOC), doutorado do Professor Leo Vitorino; e o Moodle na gestão da prática pedagógica, doutorado do Professor Ricardo Slavov. Em todas essas pesquisas, a mídia está presente e, portanto, as competências midiáticas, porque, hoje, é difícil pensar uma aula que não se utilize de um vídeo, um “Objeto de Aprendizagem Virtual”.

REU - Para fazer uma leitura dessa relação mídia, estudantes e professores, que tipo de metodologia de pesquisa é mais eficiente? Você poderia fazer um relato sobre a abordagem metodológica que está usando?

Não entendo que haja uma metodologia mais eficiente, em geral. Ela vai depender da pergunta da pesquisa e de seus objetivos. Para essa relação com a mídia, gosto da pesquisa-ação porque parte de um problema e é dialógica, ou seja, também trabalha com a comunicação (como realizei em meu mestrado e oriento em um doutorado). Defendo que a abordagem seja qualitativa ou, pelo menos, quali-quantitativa, porque quantitativa pode ser pouco interessante na área de Ciências Humanas. E ainda que tenha uma perspectiva propositiva. As pesquisas "maravilhosas" que não revelam sua aplicabilidade, em uma conjuntura caótica como a nossa, considero um pouco de "luxo". Na pesquisa da Red Alfamed, foi feito uma *survey* com questionário. O desenho metodológico é adequado uma vez que a ideia é um mapeamento das competências midiáticas. Em nossas pesquisas, do Grupo de Pesquisa em Educação Superior, Tecnologia e Inovação, que acolhe aos interessados em temas como mídia e tecnologias da informação e comunicação digital, procuramos partir de um problema da realidade, para definir um problema de pesquisa e depois a metodologia. Trabalhamos com pesquisa-ação e de campo, preferencialmente, com intervenções e proposições.

REU - Tomando o contexto de desenvolvimento das tecnologias digitais de comunicação e informação, é possível perceber dificuldades maiores geradas pelas diferenças geracionais na relação entre professores e alunos atualmente?

Sim, porque há muitos professores resistentes a essas tecnologias. Talvez por sentirem algum estranhamento e dificuldade em lidar com elas. Na educação superior, os estudantes chegam em tempo real o que o professor apresenta em sala de aula. Muitos professores se sentem acuados, ameaçados. Afinal, concorrer com o "São Google" não é para qualquer um. Ele tem um cabedal de conhecimentos que é difícil para um humano competir. O que fazem os professores? Resistem. Essa resistência compromete a interação, a comunicação, criando um abismo geracional que afasta e dificulta a educação. O professor da FATEC-Itapetininga Marcus Venícius Branco está fazendo seu doutorado em educação, no PPGE da UNISO, sobre esta

temática. Ele fará uma avaliação dessas diferenças para propor formas de diminuí-las.

REU - Existem caminhos para incluir com eficácia a mídia no processo de ensino? Quais seriam? Em relação ao cinema, o que você sugere?

Minha experiência me fez entender que sim. Primeiro, a mídia já está no processo de ensino-aprendizagem, para o bem e para o mal, desde os pequenos. Há crianças com dois anos, ou menos, aprendendo formas, tamanhos, cores; treinando coordenação viso-motora - entre outros - com jogos e animações, veiculados em tablets, smartphones e tvs. A questão é a qualidade do que é veiculado, o tempo que se passa com esse tipo de atividade e o que é feito a partir dela. Neste sentido, os caminhos para a eficácia da mídia no processo de ensino-aprendizagem passam por um cuidado com a qualidade, a ser regulado por órgãos competentes, sob a responsabilidade da sociedade; e pela gestão do tempo e da prática pedagógica que fará a mídia realmente educativa. Qualquer bom conteúdo da mídia pode ser melhor aproveitado com um debate, uma recriação. Em relação ao cinema, há muitos bons filmes que podem despertar curiosidade e mobilizar crianças e jovens para diversos tipos de aprendizagem, desde que haja um mediador que tenha domínio do valor e papel da mídia na sociedade. Claro, este mediador não usaria o cinema para "matar o tempo", mas para aprender com entretenimento. Aliás, alguns filmes da série "Black Mirror", da Netflix, considero excelentes para serem usados em aula. A temática atual, a vida com as tecnologias da informação digital, é apresentada cruamente, sem os "enfeites" do cinema americano. Aborda tudo que nos é caro: amor, trabalho, perdas, família, poder, política, sempre com uma perspectiva que possibilita discutir ética, razão, atitudes. Além disso, são curtos e muito bem feitos considerando a linguagem audiovisual. Um filme pode ser usado para iniciar um conteúdo, colocar um assunto em pauta, desconstruir preconceitos, enfim, há muito para contribuir no processo de ensino-aprendizagem.

REU - Em realidades sociais onde a infraestrutura básica de ensino não é oferecida, é válido discutir a relação entre estudantes, professores e mídia? Por quê?

Minha visão sobre infraestrutura de ensino necessária tem mudado. Vejo muitos reclamando que falta material na escola pública e escola particular requisitando listas imensas de material. Para se ensinar ciências, por exemplo, aprender a observar e fazer perguntas é fundamental, e para desenvolver essa habilidade nenhum material é necessário. Em relação ao trabalho com a mídia, para desenvolver a leitura crítica nenhum material é necessário. O que é fundamental é um mediador que coloque questões, que oriente a compreensão e provoque a reflexão. Nas duas situações, desenvolver habilidades relacionadas à ciência e à leitura crítica da mídia vários recursos materiais podem enriquecer o processo, mas essencial é o "material" humano, que será tão melhor mediador quanto mais domínio tiver das habilidades de comunicação.

REU - Você arriscaria algumas perspectivas futuras para a interface comunicação/ educação?

O que minha experiência e reflexão me permitem expressar é que os professores precisam se interar das novas tecnologias, mais para fazer uma crítica, urgente e necessária, do que para usá-las. Usar é fácil, fazer uma crítica que os ajude a orientarem os estudantes a fazerem suas próprias críticas é bem mais trabalhoso. É como política. Muita gente diz: não gosto de política e se aliena. Quem domina os "trâmites" da política ocupa os espaços e faz o que temos sentido na pele. Com as tecnologias da informação e comunicação digital, com o que é veiculado na mídia é semelhante. Dizer "não gosto", "não consigo usar" ou "não quero saber" leva a deixar as novas gerações a mercê de quem domina essas tecnologias e veículos de comunicação. Essa é atitude de um educador?